

# **Identidade Cidadã: compromisso social\***

*Elisabeth Hofmann Sanchez*

---

Mestre em Psicologia Escolar pela USP  
Professora no curso de Psicologia no Centro UNISAL – Lorena  
Co-autoras: Daniella R. Moreira, Martha Macaferri,  
Renata S. O. Magalhães, Riceli Soares da Silva, alunas do 4º de Psicologia

## **Identidade cidadã: compromisso social**

Este artigo apresenta algumas reflexões resultantes de uma pesquisa de iniciação científica realizada por quatro alunas do curso de Psicologia, do Centro Unisal, da cidade de Lorena.

A metodologia escolhida foi a da pesquisa participante que se mostrou adequada aos objetivos do trabalho: gerar reflexão, comprometimento e transformação em indivíduos carenciados pelo sistema sócio-cultural.

Essa carência freqüentemente gera um sentimento de incapacidade para resolver problemas pessoais e coletivos. A percepção da realidade é distorcida sendo subestimada ou supervalorizada isentando, muitas vezes, o indivíduo de suas reais possibilidades ou culpabilizando-o, indevidamente, por certas formas de ação mais arrojadas. Qual é o lugar desse indivíduo no seu grupo social?

---

\* Projeto de Iniciação Científica, coordenado pelo LEP (Laboratório de Estudos e Pesquisas), vinculado ao curso de psicologia do Centro UNISAL – U. E. Lorena.

Considerando que o grupo é um espaço propício à transformação por gerar co-responsabilidade nos envolvidos, acreditamos que se pode proporcionar mais segurança para ações transformadoras seja de caráter individual ou coletivo. A aquisição da identidade cidadã aumenta a responsabilidade do indivíduo para com os acontecimentos de sua vida e de seu bairro, pois no grupo cada indivíduo é um ensinante e um aprendiz.

### **O desenvolvimento da identidade**

A identidade é a marca característica da expressão vivencial de um sujeito. Ela engloba a essência do conteúdo simbolicamente experimentado em diferentes graus ao longo do desenvolvimento. É a síntese sobre si mesmo incluindo dados pessoais, biografia e atributo conferido por outras pessoas.

Rojas (1994) refere-se à aquisição da identidade como um processo de incorporação psíquica proveniente de um meio social que define exigências e expectativas para os indivíduos nele inseridos.

Para Knobel (1981) a identidade é uma característica de cada momento evolutivo. Referenciando essa posição citamos Davidoff (2001, p.120) “a identidade tende a aflorar repetidas vezes no decorrer da vida, trata-se de uma construção contínua”.

A identidade é um conceito que congrega aspectos pessoais com exigências de cunho social e isso explica a sua flexibilidade adaptativa. Erikson (1972) apresenta a sua concepção de identidade como sendo um auto-conceito adquirido a partir de vivências psicológicas e das avaliações externas.

Grubits (1966) enfoca a relevância do grupo familiar para a formação da identidade. O suporte identificatório fornecedor de introjeções de aspectos do mundo externo para o EU é oferecido, inicialmente, pela família.

Aberastury (1981, p. 15) demonstra preocupação com o papel que a família desempenha no momento crítico da adolescência. Para ela a família como toda ordem social demonstra desorientação no tratamento da juventude.

“O adolescente, cujo destino é a busca de idéias e de figuras ideais para identificar-se, depara-se com a violência e o poder, e também os usa.”

Arpini (2000) apresenta questionamentos quanto à possibilidade de construção de uma identidade positiva em jovens pobres, carentes, que pertencem a famílias sem perspectivas de mudança de vida ou incapacitadas para oferecerem modelos identificatórios saudáveis. “Nesse sentido estamos problematizando como se constrói a subjetividade desses adolescentes quando as condições sociais de marginalidade, em diferentes planos, acabaram proporcionando bases muito pobres para identidades positivas.”

A família é o primeiro grupo social com o qual o indivíduo se depara e dele recebe a base afetiva e sócio-cultural para enfrentar o mundo. A nova ordem econômica e social vem modificando as bases estruturais da família e conseqüentemente interferindo nos processos psíquicos de identificação.

Costa (1989) mostra o surgimento de novos modelos de socialização que modificam a formação da identidade. Sujeitos de classes trabalhadoras servem de modelos uns para os outros, ampliando a possibilidade de aquisições identificatórias.

A identificação é uma necessidade psíquica premente e acontecerá na família ou fora dela. Scawone (2001) nos diz que até mesmo as crianças de rua formam núcleos familiares reprodutores das figuras paternas e maternas.

Apoiando-nos em Erikson (1972), acreditamos que o meio social é um referencial contínuo para a formação do Ego, permitindo ao indivíduo possibilidades identificatórias que possam complementar ou mesmo suprir, sob certos aspectos, a insuficiência do convívio familiar.

## **Cidadania**

O termo cidadania vem sendo muito usado no discurso político educacional no sentido de conquista de uma mentalidade reivindicatória de direitos pessoais. Essa concepção se harmoniza

com a ótica capitalista porque reforça um modelo de conduta egocêntrico enquanto descompromissado da ordem coletiva. Recria-se assim, continuamente, a lei de levar vantagem a qualquer preço. A cidadania como a entendemos é uma característica pessoal adquirida através do intercâmbio social, capaz de provocar atitudes éticas, respeitadas e autônomas. Autonomia é empregada aqui no sentido Piagetiano de auto-governo adquirido com a maturidade cognitiva. Não se trata, portanto, de um aspecto agregado à personalidade, mas acima de tudo de um aspecto com o qual o indivíduo se identifica.

Corresponderia ao estágio final da moralidade orientada por princípios éticos universais gerados pela consciência individual de se fazer parte de um contexto social. Em Vygotsky poderia ser a consciência que é adquirida na cultura, nas relações interpessoais, que se convertem em intrapessoais. A esse respeito Oliveira (1992) acrescenta: “Vygotsky estabelece que o indivíduo interioriza formas de funcionamento psicológico dadas culturalmente, mas ao tomar posse delas torna-as suas e as utiliza como instrumentos pessoais de pensamento e ação no mundo”.

A cidadania é a consciência autônoma da responsabilidade pela sociedade como está organizada e por sua organização.

## **Método**

Utilizamos a metodologia da pesquisa participante. Dois grupos de sujeitos participaram, um composto de quinze adolescentes e outro, de quinze mães. A faixa etária dos adolescentes foi de 9 até 14 anos e a das mães de 19 até 47 anos. Todos moradores do bairro *Parque das Rodovias*, no município de Lorena. Utilizamos várias técnicas lúdicas e também dinâmicas de grupo a fim de promover a integração dos indivíduos com a proposta de trabalho. Os encontros aconteceram semanalmente com duração de 4 horas cada, no Oratório Salesiano do bairro.

Os primeiros encontros foram destinados ao conhecimento

do trabalho e familiarização dos indivíduos entre si e com os pesquisadores. Essa primeira fase foi extremamente importante para o estabelecimento de um contato social capaz de trazer ordem, comprometimento e respeito mútuo.

Após essa fase inicial partimos para a etapa seguinte destinada ao desenvolvimento de temas sugeridos pelos participantes. Esses temas estavam relacionados com a realidade do bairro e foram os seguintes: violência, drogas, sexualidade e educação familiar.

## **Resultados**

O grupo das mães começou com dezenove pessoas sendo que treze permaneceram freqüentando com determinação, força de vontade e objetivos próprios. Atribuímos as desistências a expectativas que não puderam ser atendidas, como, por exemplo, algumas pessoas esperavam ganhar cestas básicas e se frustraram ao perceber que o objetivo era outro.

Os quatro encontros iniciais destinaram-se à criação de um vínculo de confiabilidade. Utilizamos para isso diálogos, reflexões e dinâmicas ressaltando a importância do outro em nossas vidas. Foi pedido que falássemos sobre educação de filhos e para esse fim buscamos recuperar, pelo lúdico, episódios significativos da infância de cada uma. Fizemos uma articulação do vivencial com o teórico. Durante o relato ocorreram processos identificatórios. As pessoas se reconheciam no problema do outro e isso gerava uma cumplicidade respeitosa. Era comum nesses discursos a menção a abandonos, carências e dificuldades familiares.

MC – “minha infância foi muito difícil. Meu pai bebia muito e estava sempre na rua”.

R – “meu pai era rígido e um alcoólatra”.

Esses fatos foram relatados sem receio ou constrangimento e isso sinalizava que a confiança estava presente e que o grupo representava um local seguro para a auto-exposição. Observamos

que esse trabalho crescia em importância na vida pessoal de cada um e isso era expresso em comportamentos como:

- a) Justificativa de ausência.
- b) Pedido de mais encontros durante a semana.
- c) Pedido de continuidade no próximo ano.
- d) Relatos de mudanças comportamentais ocorridas em casa com seus familiares.

O grupo criou um nome e um símbolo para que pudesse ser representado: grupo de psicologia livre e o símbolo foi uma borboleta. “Escolhemos esse nome porque o grupo é bem assim, nos deixa livres, falamos o que queremos. No início achamos que vocês fossem se intrometer na nossa vida e vimos que não foi assim.” Percebemos que nos encontros iniciais havia uma passividade, elas esperavam propostas das pesquisadoras. Com o decorrer do trabalho assumiram um papel responsável pela condução do mesmo. Com os adolescentes tentamos o mesmo caminho, iniciando com o contato e buscando a criação de vínculos. Utilizamos dinâmicas alegres e instrutivas que pudessem sensibilizar para a importância de cada um para a concretização do trabalho.

O tema inicialmente sugerido foi a utilização de drogas e seus efeitos físicos e psíquicos. Esse foi o assunto do grupo durante todo o trabalho. Passamos filme, utilizamos técnicas grupais de vivência e troca de papéis sociais. Mostramos painéis informativos sobre a maconha, inalantes, cafeína, tabaco, álcool, cocaína etc.

Durante os encontros eles contaram sobre pessoas da família que se envolveram com drogas. Percebemos dificuldades de ordem cognitiva como: escrita pobre, dificuldade de interpretação de texto e de raciocínio lógico. Talvez por esse motivo é que para qualquer situação-problema que surgia sempre se procurava uma solução de ordem religiosa. Procuramos, através de técnicas psicodramáticas, sensibilizá-los para a necessidade de se encontrar soluções pessoais e de se responsabilizar por elas. Assim eles aprenderam uma outra forma de encarar os fatos do mundo.

Acreditamos que a criação do EU é permanente e contínua e que as trocas sujeito-ambiente são referenciais prioritários para essa construção. Referendamos a posição de Dawidoff de que a identidade tende a aflorar repetidas vezes no decorrer da vida. A identidade é realmente um processo que tem como base a cultura. Na posição de Vygotsky a cultura é mediadora e foi essa posição que tomamos. Procuramos mediar a relação entre o sujeito morador do bairro *Parque das Rodovias* e a organização cultural mais abrangente.

O trabalho pôde contribuir para uma identidade cidadã na medida em que os sujeitos tornaram-se responsáveis pela resolução de seus problemas. As mães mostraram um processo de tomada de consciência de seus sentimentos, podendo expressá-los em seu meio familiar e social.

Considerando que a cidadania é o exercício de Direitos e de Responsabilidades sociais podemos avaliar que essa pesquisa atingiu o primeiro aspecto. Os indivíduos perceberam seus Direitos e a possibilidade não só de possuí-los como de expressá-los.

A cidadania democrática, como entende Coutinho (1996), deve ser concebida como uma atividade contínua e não apenas como um engajamento momentâneo voltado para um objetivo especial. A mudança de atitude voltada à responsabilidade grupal necessita de princípios e valores comprometidos com a realidade social, adquiridos num processo de troca contínuo em todas as fases evolutivas.

## **Conclusão**

Essa pesquisa pretendeu promover a tomada de consciência do conceito de cidadania numa perspectiva vivencial a partir da abordagem de problemas que os grupos apontaram como prioritários.

O assumir responsabilidade pelos próprios atos, que é um dos componentes essenciais do perfil do sujeito cidadão, pôde ser trabalhado e desenvolvido satisfatoriamente nos dois grupos. Observamos a diminuição de um pensamento fatalista que

negligencia as responsabilidades dos atos humanos atribuindo tudo a Deus. Acreditamos que essa forma de pensamento acaba impossibilitando a luta por novas aquisições ou mudanças. Percebemos uma tomada de consciência da importância das atitudes pessoais.

Por outro lado, foi difícil para os participantes o comprometimento com o coletivo. Notamos uma autocentralização especialmente nos jovens. Manifestaram esse comportamento através da preocupação em ganhar sempre, estar em primeiro lugar, falar antes etc. Essa é, acreditamos, uma consequência do momento sócio-histórico em que vivemos e que, naturalmente, influencia os valores pessoais.

O tempo disponível para a realização do trabalho foi limitado para a percepção de sinais de mudança nesses aspectos.

Os objetivos principais foram alcançados satisfatoriamente: um vínculo de confiabilidade foi garantido. Esse vínculo pôde ser observado principalmente no grupo das mães, através de atitudes apresentadas pelos envolvidos no trabalho: assiduidade, ética e permanência. Mantiveram sigilo sobre assuntos vivenciados, assumindo comportamentos respeitosos sobre as particularidades de cada um. Manifestaram verbalmente, por diversas vezes, o significado gratificante desses encontros para suas vidas.

Percebemos que o trabalho colaborou para uma melhoria de auto-imagem. A identidade se estabelece continuamente através de contatos sociais capazes de modificar antigas percepções. Reafirmamos a hipótese inicial de que um grupo de trabalho pode ser um espaço para mudanças significativas e até certo ponto reparadoras dos padrões familiares iniciais.

A pesquisa participante utilizada como metodologia contribuiu para uma produção de conhecimento enriquecedora sobre identidade e cidadania. Foi especialmente útil como forma de dar voz a sujeitos pertencentes a uma comunidade pobre nem sempre contemplada pelas descobertas da ciência psicológica.

## Referências bibliográficas

- ABERASTURY, A. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1974.
- COSTA, J. F. Imaginação psicanalítica e psicoterapias de grupo. In: *Psicanálise e contexto cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- COUTINHO, M. *Problematizando a diferença: mulher e cidadania no Brasil*. Documenta Programa Eicos Catidra Unesco de Desenvolvimento Durável, UFRJ, ano IV, nº 7, p. 27-3, 1986.
- DAWIDOFF, L. *Introdução à Psicologia*. 3. ed. São Paulo: Makron Brooks, 2001.
- ERIKSON, H. *Identidade, Juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- GRUBITS, Sonia. *A construção da identidade infantil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- KNOBEL, Mauricio. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1974.
- LA TAILLE, Y. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- ROJAS, M. C. *Entre dos siglos: uma leitura psicoanalítica de la pos modernidad*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1994.
- OLIVEIRA, H. D. Vygotsky e a formação de conceitos. In: *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- POLITY, E. Adoção: construindo uma identidade parental. *Temas de desenvolvimento*, Belo Horizonte, ano 9, nº 52, p. 36-39, 2000.
- SCAWONE. In: *Jornal de Psicologia*, São Paulo, ano 19, nº 128, p. 10-12, 2001.